

Estrangeiros de olho no arroz do Brasil

Neila Baldi

Os estrangeiros não estão só vindo buscar o arroz brasileiro pelo qual estão pagando um prêmio de até 3% em relação ao tailandês como também estão interessados em investir na produção no País. Egípcios e tailandeses estiveram no Rio Grande do Sul dispostos a comprar terras para cultivar o cereal e aumentar a produtividade média, que hoje está em torno de 7 toneladas por hectare. Aliado a isso, tradings também vão se instalar no País para exportar o grão.

"Eu falo para os produtores que eles não vão se surpreender com vizinho querendo comprar a lavoura, mas por não saber falar a língua daquele que virá adquirir a terra", diz Zélio Hocsman, sócio da Cereais Pampeiro. Segundo ele, um grupo de tailandeses esteve no estado e iria visitar também fazendas no Uruguai e Argentina, disposto a investir. "No médio prazo o Brasil vai receber investidores em busca de área e não mais de produto", assegura.

A maior procura pelo arroz brasileiro vai fazer com que o País feche o ano entre os 10 maiores exportadores mundiais. Aliado a isso, segundo o setor, devido à qualidade do produto parboilizado, o estado está recebendo mais que a Tailândia, tradicional exportador.

O assessor-econômico do Instituto Riograndense do Arroz (Irga), Marco Aurélio Tavares, diz que, até agora, o estado vinha recebendo missões de interessados em importar o produto: como a Costa Rica, Irã, Peru e Índia. Mas o grupo Rice, do Egito, esteve no Rio Grande do Sul querendo investir na produção. Segundo ele, os egípcios estariam interessados em aplicar entre US\$ 500 mil e US\$ 1 milhão na compra de terra e instalação de campos experimentais. A idéia seria produzir em áreas de até 200 hectares, visando aumentar a produtividade na região - naquele país a média é de 10 toneladas por hectare. "Se isso se viabilizar, eles não só abasteceriam o mercado interno, como venderiam para os árabes", diz. Ele avalia que o interesse se dá porque o Brasil é ainda uma das poucas fronteiras agrícolas mundiais. No Rio Grande do Sul, os egípcios identificaram duas regiões de interesse: a Fronteira Oeste, cujo solo propicia uma produtividade média de 8 toneladas por hectare, e o Litoral Norte, pela alta qualidade do produto. Hocsman lembra que três tradings pretendem se instalar no estado para exportar arroz.

O interesse pela América do Sul se dá porque mais de 90% da produção mundial do cereal encontra-se em regiões com problemas climáticos na Ásia. Hocsman diz que, junto com os tailandeses, recebeu armadores gregos que estariam interessados em investir na logística para a exportação do grão. Mais de 95% do cereal exportado pelo Brasil é do Rio Grande do Sul mas, apesar de ser o maior produtor nacional do grão 7 milhões de toneladas - o estado não tem mais áreas disponíveis para a expansão da lavoura. "Os estrangeiros terão de comprar terras de gaúchos, investir no aumento da produtividade ou então procurar outras fronteiras no País", acredita Hocsman.

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 13 ago. 2008, Agronegócio, p C10.